

DÓLAR CHEGA PERTO DE R\$ 2

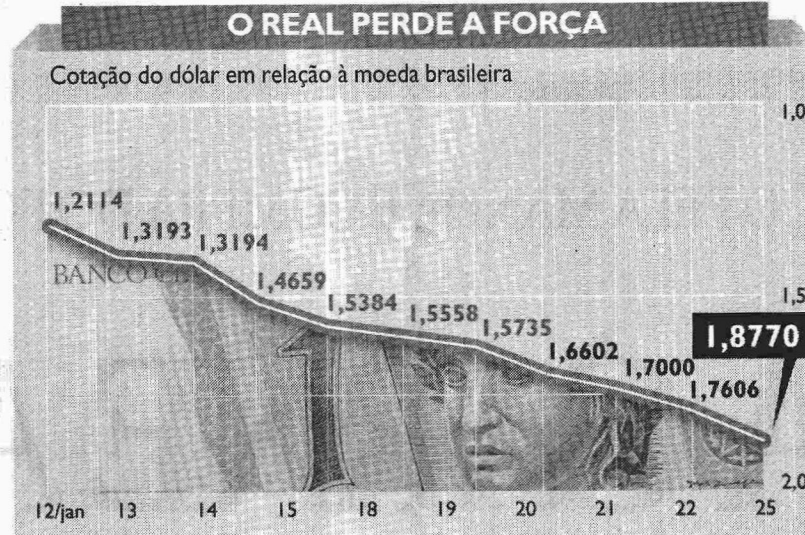
O País continuou perdendo divisas — US\$ 530 milhões até o início da noite —, mas, pela primeira vez desde o início da nova política cambial, a livre flutuação da moeda ocorreu sem maiores traumas. O Banco Central também evitou atuar por meio do Banco do Brasil, como fizera na sexta-feira. O resultado foi que depois de subir a R\$ 1,97, o dólar caiu para R\$ 1,84, no mercado comercial, com alta de 2,2% sobre a cotação final do dia anterior (R\$ 1,80).

A média das cotações apurada pelo Banco Central (taxa Ptax) ficou em R\$ 1,8770, com alta de 6,6% sobre o dia anterior (R\$ 1,7606). A desvalorização do real no dia foi de 6,2%, enquanto a perda apurada desde o dia 12 de janeiro — quando mudaram as regras do câmbio — é de 35,46%.

O que deteve a disparada na taxa de câmbio foi um movimento conhecido no jargão do mercado como arbitragem: bancos atuantes nesse mercado perceberam uma diferença muito grande entre os

preços do dólar à vista e a cotação dos contratos futuros de dólares na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BMF). Esses bancos se desfizeram então de parte de seus estoques de dólares, vendendo a moeda no câmbio comercial (no qual o preço chegou a R\$ 1,97), e compraram os contratos futuros, que estavam então em cerca de R\$ 1,80. Houve bancos de grande porte que trouxeram dólares do exterior e os venderam internamente para comprar a moeda na BMF. As taxas dos contratos futuros de DI acompanharam o ritmo do dólar. Os juros apontados para o próximo mês, que estavam ontem em mais de 50%, fecharam em 46,74%.

No mercado paralelo, duas notas de R\$ 1 não foram suficientes pela manhã para comprar US\$ 1 em São Paulo. Logo que o mercado abriu e o dólar comercial subiu, a cotação de venda da moeda americana no paralelo disparou e chegou a ser negociada a R\$ 2,10, na capital paulista, e a R\$ 2, no Rio de Janeiro. Mas no final do dia, acom-



panhando o mercado comercial, estava sendo negociada a R\$ 1,95, em São Paulo, e R\$ 1,85, no Rio.

O presidente do Congresso, senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), chegou a pregar a “morte aos especuladores” ao sair do depoimento do presidente do Banco Central, Francisco Lopes. O mercado deverá chegar a um pon-

to de equilíbrio em relação ao valor do real frente ao dólar em duas semanas. Foi o que previu o ministro da Fazenda Pedro Malan, durante debate com empresários na sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI). “Na linguagem dele, ‘em um par de semanas’ o equilíbrio nas cotações do dólar deverá ser alcançado”, disse o presidente

da CNI, Fernando Bezerra. Segundo Malan, o governo não vai gastar reservas para definir o chamado ponto de equilíbrio. Este será decorrência da percepção que o mercado desenvolver no dia a dia.

A instabilidade do câmbio tem trazido fôlego às bolsas brasileiras. A Bovespa esteve nas alturas durante todo o pregão e acabou fechando com valorização de 6,34%, depois de atingir 8,34% à tarde. A Bolsa do Rio subiu 5,96%. A explicação dos analistas é que, na falta de opções de aplicação que ofereçam proteção contra derrapadas fortes dos juros ou do câmbio, os investidores acabam procurando refúgio nas ações. A Bolsa de Nova York fechou em alta de 1,32%, impulsionada pelos bons resultados de empresas como Merck e Johnson & Johnson. Na Europa, os mercados foram influenciados pelas preocupações com o Brasil e acabaram perdendo boa parte dos ganhos no fim do dia. A Bolsa de Londres subiu 0,08% e a de Frankfurt, 0,25%.